

SAGRADA FAMÍLIA DE JESUS, MARIA E JOSÉ

CIC 531-534: a Sagrada Família

OS MISTÉRIOS DA VIDA OCULTA DE JESUS

- 531** Durante a maior parte da sua vida, Jesus partilhou a condição da imensa maioria dos homens: uma vida quotidiana sem grandeza aparente, vida de trabalho manual, vida religiosa judaica sujeita à Lei de Deus¹, vida na comunidade. De todo este período, é-nos revelado que Jesus era «submisso» a seus pais² e que «ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens» (*Lc 2, 52*).
- 532** A submissão de Jesus à sua Mãe e ao seu pai legal foi o cumprimento perfeito do quarto mandamento. É a imagem temporal da sua obediência filial ao Pai celeste. A submissão diária de Jesus a José e a Maria anunciava e antecipava a submissão de Quinta-Feira Santa: «Não se faça a minha vontade [...]» (*Lc 22, 42*). A obediência de Cristo, no quotidiano da vida oculta, inaugurava já a recuperação daquilo que a desobediência de Adão tinha destruído³.
- 533** A vida oculta de Nazaré permite a todos os homens entrar em comunhão com Jesus, pelos diversos caminhos da vida quotidiana:
- «Nazaré é a escola em que se começa a compreender a vida de Jesus, é a escola em que se inicia o conhecimento do Evangelho[...] Em primeiro lugar, uma lição de *silêncio*. Oh! se renascesse em nós o amor do silêncio, esse admirável e indispensável hábito do espírito [...]! Uma lição de *vida familiar*. Que Nazaré nos ensine o que é a família, a sua comunhão de amor, a sua austera e simples beleza, o seu carácter sagrado e inviolável [...]. Uma lição de *trabalho*. Nazaré, a casa do “Filho do carpinteiro”! Aqui desejaríamos compreender e celebrar a lei, severa mas redentora, do trabalho humano [...]. Daqui, finalmente, queremos saudar os trabalhadores de todo o mundo e mostrar-lhes o seu grande modelo, o seu Irmão divino»⁴.
- 534** O reencontro de Jesus no templo⁵ é o único acontecimento que quebra o silêncio dos evangelhos sobre os anos ocultos de Jesus. Nele, Jesus deixa entrever o mistério da sua consagração total à missão decorrente da sua filiação divina: «Não sabíeis que Eu tenho de estar na casa do meu Pai?». Maria e José «não compreenderam» esta palavra, mas acolheram-na na fé, e Maria «guardava no

¹ Cf. *Gl 4, 4*.

² Cf. *Lc 2, 51*.

³ Cf. *Rm 5, 19*.

⁴ PAULO VI, *Alocução na igreja da Anunciação à bem-aventurada Virgem Maria em Nazaré*, 5 de Janeiro de 1964: AAS 56 (1964) 167-168 [*Festa da Sagrada Família*, 2ª Leitura do Ofício de Leitura: *Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 381-382].

⁵ Cf. *Lc 2, 41-52*.

coração todas estas recordações», ao longo dos anos em que Jesus permaneceu oculto no silêncio duma vida normal.

CIC 1655-1658, 2204-2206: a família cristã, uma Igreja doméstica

- 1655** Cristo quis nascer e crescer no seio da Sagrada Família de José e de Maria. A Igreja outra coisa não é senão a «família de Deus». Desde as suas origens, o núcleo aglutinante da Igreja era, muitas vezes, constituído por aqueles que, «com toda a sua casa», se tinham tornado crentes»⁶. Quando se convertiam, desejavam que também «toda a sua casa» fosse salva⁷. Estas famílias, que passaram a ser crentes, eram pequenas ilhas de vida cristã no meio dum mundo descrente.
- 1656** Nos nossos dias, num mundo muitas vezes estranho e até hostil à fé, as famílias crentes são de primordial importância, como focos de fé viva e irradiante. É por isso que o II Concílio do Vaticano chama à família, segundo uma antiga expressão, «*Ecclesia domestica* – Igreja doméstica»⁸. É no seio da família que os pais são, «pela palavra e pelo exemplo [...], os primeiros arautos da fé para os seus filhos, ao serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vocação consagrada»⁹.
- 1657** É aqui que se exerce, de modo privilegiado, o *sacerdócio baptismal* do pai de família, da mãe, dos filhos, de todos os membros da família, «na recepção dos sacramentos, na oração e acção de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade efectiva»¹⁰. O lar é, assim, a primeira escola de vida cristã e «uma escola de enriquecimento humano»¹¹. É aqui que se aprende a tenacidade e a alegria no trabalho, o amor fraterno, o perdão generoso e sempre renovado, e, sobretudo, o culto divino, pela oração e pelo oferecimento da própria vida.
- 1658** Não podem esquecer-se, também, certas pessoas que estão, em virtude das condições concretas em que têm de viver, muitas vezes sem assim o terem querido, particularmente próximas do coração de Cristo, e que merecem, portanto, a estima e a solicitude atenta da Igreja, particularmente dos pastores: o grande número de *peessoas celibatárias*. Muitas delas ficam *sem família humana*, frequentemente devido a condições de pobreza. Algumas vivem a sua situação no espírito das bem-aventuranças, servindo a Deus e ao próximo de modo exemplar. Mas a todas é necessário abrir as portas dos lares, «igrejas domésticas», e da grande família que é a Igreja. «Ninguém se sinta privado de família neste mundo: a Igreja é casa e família para todos, especialmente para quantos estão “cansados e oprimidos” (Mt 11, 28)»¹².

⁶ Cf. *Act* 18, 8.

⁷ Cf. *Act* 16, 31; 11, 14.

⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16; cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 21: AAS 74 (1982) 105.

⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16.

¹⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 10: AAS 57 (1965) 15.

¹¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 52: AAS 58 (1966) 1073.

¹² JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 85: AAS 74 (1982) 187.

A FAMÍLIA CRISTÃ

- 2204** «A família cristã constitui uma revelação e uma realização específica da comunhão eclesial; por esse motivo [...], há-de ser designada como uma *igreja doméstica*»¹³. Ela é uma comunidade de fé, de esperança e de caridade; reveste-se duma importância singular na Igreja, como transparece do Novo Testamento¹⁴.
- 2205** A família cristã é uma comunhão de pessoas, vestígio e imagem da comunhão do Pai e do Filho, no Espírito Santo. A sua actividade procriadora e educativa é o reflexo da obra criadora do Pai. É chamada a partilhar da oração e do sacrifício de Cristo. A oração quotidiana e a leitura da Palavra de Deus fortalecem nela a caridade. A família cristã é evangelizadora e missionária.
- 2206** As relações no seio da família comportam uma afinidade de sentimentos, de afectos e de interesses, que provêm sobretudo do mútuo respeito das pessoas. A família é uma *comunidade privilegiada*, chamada a realizar a comunhão das almas, o comum acordo dos esposos e a diligente cooperação dos pais na educação dos filhos¹⁵.

CIC 2214-2233: os deveres dos membros da família

DEVERES DOS FILHOS

- 2214** A paternidade divina é a fonte da paternidade humana¹⁶; nela se fundamenta a honra devida aos pais. O respeito dos filhos, menores ou adultos, pelo seu pai e pela sua mãe¹⁷ nutre-se do afecto natural nascido dos laços que os unem. Exige-o o preceito divino¹⁸.
- 2215** O respeito pelos pais (*pietade filial*) é feito de *reconhecimento* àqueles que, pelo dom da vida, pelo seu amor e seu trabalho, puseram os filhos no mundo e lhes permitiram crescer em estatura, sabedoria e graça. «Honra o teu pai de todo o teu coração e não esqueças as dores da tua mãe. Lembra-te de que foram eles que te geraram. Como lhes retribuirás o que por ti fizeram?» (*Sir 7, 27-28*).
- 2216** O respeito filial revela-se na docilidade e na *obediência* autênticas. «Observa, meu filho, as ordens do teu pai, e não desprezes os ensinamentos da tua mãe [...]. Servir-te-ão de guia no caminho, velarão por ti quando dormires, e falarão contigo ao despertares» (*Pr 6, 20.22*). «O filho sábio é fruto da correcção paterna, mas o insolente não aceita a repreensão» (*Pr 13, 1*).

¹³ JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 21: AAS 74 (1982) 105; cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16.

¹⁴ Cf. *Ef 5, 21-6, 4; Cl 3, 18-21; I Pe 3, 1-7*.

¹⁵ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 52: AAS 58 (1966) 1073.

¹⁶ Cf. *Ef 3, 15*.

¹⁷ Cf. *Pr 1, 8; Tb 4, 3-4*.

¹⁸ Cf. *Ex 20, 12*.

2217 Enquanto viver na casa dos pais, o filho deve obedecer a tudo o que eles lhe mandarem para seu bem ou o da família. «Filhos, obededei em tudo aos vossos pais, porque isto agrada ao Senhor» (Cl 3, 20)¹⁹. Os filhos devem também obedecer às prescrições razoáveis dos seus educadores e de todos aqueles a quem os pais os confiaram. Mas se o filho se persuadir, em consciência, de que é moralmente mau obedecer a determinada ordem, não o faça.

Com o crescimento, os filhos continuarão a respeitar os pais. Adivinharão os seus desejos, pedirão de boa vontade os seus conselhos e aceitarão as suas admoestações justificadas. A obediência aos pais cessa com a emancipação; mas não o respeito que sempre lhes é devido. É que este tem a sua raiz no temor de Deus, que é um dos dons do Espírito Santo.

2218 O quarto mandamento lembra aos filhos adultos as suas *responsabilidades para com os pais*. Tanto quanto lhes for possível, devem prestar-lhes ajuda material e moral, nos anos da velhice e no tempo da doença, da solidão ou do desânimo. Jesus lembra este dever de gratidão²⁰.

«Deus quis honrar o pai pelos filhos e cuidadosamente firmou sobre eles a autoridade da mãe. O que honra o pai alcança o perdão dos seus pecados e quem honra a mãe é semelhante àquele que acumula tesouros. Quem honra o pai encontrará alegria nos seus filhos e será ouvido no dia da sua oração. Quem honra o pai gozará de longa vida e quem lhe obedece consolará a sua mãe» (Sir 3, 2-6).

«Filho, ampara o teu pai na velhice, não o desgostes durante a sua vida. Mesmo se ele vier a perder a razão, sê indulgente, não o desprezes, tu que estás na plenitude das tuas forças [...]. É como um blasfemador o que desampara o seu pai e é amaldiçoado por Deus aquele que irrita a sua mãe» (Sir 3, 12-16).

2219 O respeito filial favorece a harmonia de toda a vida familiar; engloba também as *relações entre irmãos e irmãs*. O respeito pelos pais impregna todo o ambiente familiar. «A coroa dos anciãos são os filhos dos seus filhos» (Pr 17, 6). «Suportai-vos uns aos outros na caridade, com toda a humildade, mansidão e paciência» (Ef 4, 2).

2220 Os cristãos têm o dever de ser especialmente gratos àqueles de quem receberam o dom da fé, a graça do Baptismo e a vida na Igreja. Pode tratar-se dos pais, mas também de outros membros da família, dos avós, dos pastores, dos catequistas, dos professores ou amigos. «Conservo a lembrança da tua fé tão sincera, que foi primeiro a da tua avó Lóide e da tua mãe Eunice, e que, estou certo, habita também em ti» (2 Tm 1, 5).

DEVERES DOS PAIS

2221 A fecundidade do amor conjugal não se reduz apenas à procriação dos filhos. Deve também estender-se à sua educação moral e à sua formação espiritual. O

¹⁹ Cf. Ef 6, 1.

²⁰ Cf. Mc 7, 10-12.

«*papel dos pais na educação* é de tal importância que é impossível substituí-los»²¹. O direito e o dever da educação são primordiais e inalienáveis para os pais²².

2222 Os pais devem olhar para os seus filhos como *filhos de Deus* e respeitá-los como *peças humanas*. Educarão os seus filhos no cumprimento da lei de Deus, na medida em que eles próprios se mostrarem obedientes à vontade do Pai dos céus.

2223 Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos. Testemunham esta responsabilidade, primeiro pela *criação dum lar* onde são regra a ternura, o perdão, o respeito, a fidelidade e o serviço desinteressado. O lar é um lugar apropriado para a *educação das virtudes*, a qual requer a aprendizagem da abnegação, de sãos critérios, do autodomínio, condições da verdadeira liberdade. Os pais ensinarão os filhos a subordinar «as dimensões físicas e instintivas às dimensões interiores e espirituais»²³. Os pais têm a grave responsabilidade para dar bons exemplos aos filhos. Sabendo reconhecer diante deles os próprios defeitos, serão mais capazes de os guiar e corrigir:

«Aquele que ama o seu filho, castiga-o com frequência [...]. Aquele que dá ensinamentos ao seu filho será louvado» (*Sir* 30, 1-2). «E vós, pais, não irriteis os vossos filhos; pelo contrário, educai-os com disciplina e advertências inspiradas pelo Senhor» (*Ef* 6, 4).

CIC 333, 530: a fuga para o Egipto

333 Da Encarnação à Ascensão, a vida do Verbo Encarnado é rodeada da adoração e serviço dos anjos. Quando Deus «introduziu no mundo o seu Primogénito, disse: Adorem-n’O todos os anjos de Deus» (*Heb* 1, 6). O seu cântico de louvor, na altura do nascimento de Cristo, nunca deixou de se ouvir no louvor da Igreja: «Glória a Deus [...]» (*Lc* 2, 14). Eles protegem a infância de Jesus²⁴, servem-n’O no deserto²⁵ e confortam-n’O na agonia²⁶, no momento em que por eles poderia ter sido salvo das mãos dos inimigos²⁷ como outrora Israel²⁸. São ainda os anjos que «evangelizam»²⁹, anunciando a Boa-Nova da Encarnação³⁰ e da Ressurreição³¹ de Cristo. E estarão presentes aquando da segunda vinda de Cristo, que anunciam³², ao serviço do seu juízo³³.

530 *A fuga para o Egipto* e o massacre dos Inocentes³⁴ manifestam a oposição das trevas à luz: «Ele veio para o que era seu e os seus não O receberam» (*Jo* 1, 11). Toda a vida de Cristo decorrerá sob o signo da perseguição. Os seus partilham-

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Gravissimum educationis*, 3: AAS 58 (1966) 731.

²² Cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 36: AAS 74 (1982) 126.

²³ JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 36: AAS 83 (1991) 838.

²⁴ Cf. *Mt* 1, 20; 2, 13-19.

²⁵ Cf. *Mc* 1, 13; *Mt* 4, 11.

²⁶ Cf. *Lc* 22, 43.

²⁷ Cf. *Mt* 26, 53.

²⁸ Cf. *2 Mac* 10, 29-30; 11, 8.

²⁹ Cf. *Lc* 2, 10.

³⁰ Cf. *Lc* 2, 8-14.

³¹ Cf. *Mc* 16, 5-7.

³² Cf. *Act* 1, 10-11.

³³ Cf. *Mt* 13, 41; 24, 31; *Lc* 12, 8-9.

³⁴ Cf. *Mt* 2, 13-18.

-na com Ele³⁵. O seu regresso do Egipto³⁶ lembra o Êxodo³⁷ e apresenta Jesus como o libertador definitivo.

³⁵ Cf. *Jo* 15, 20.

³⁶ Cf. *Mt* 2, 15.

³⁷ Cf. *Os* 11, 1.